

## CAPÍTULO PRIMEIRO

Era eu rapaz, e ainda impressionável, meu pai deu-me um dia um conselho que, desde então, me ficou às voltas na cabeça. Disse ele:

— Quando te sentires com vontade de criticar alguém, lembra-te disto: nem todos tiveram neste mundo as vantagens que tu tiveste.

Mais não disse, e bastou: fomos sempre muito comunicativos, mas com certo aticismo. Percebi que ele queria dizer muito mais do que as palavras. Tornei-me assim propenso a reservar os meus juízos, hábito este que me deu a chave de muitos temperamentos interessantes e me tornou vítima, também, de um grande número de maçadores encartados. O espírito anormal não tarda em aperceber-se desta qualidade e em se lhe apegar, se a encontra num indivíduo normal; e aconteceu que, na escola, fui injustamente apodado de «político», só porque me tornava o repositório das mais secretas queixas de pessoas agrestes e reservadas. Não era que eu solicitasse as confidências: mais de uma vez fingi que dormia, ou que estava distraído, ou simulei uma hostil ligeireza de ânimo, ao aperceber-me, por algum sinal iniludível, de que uma revelação íntima tremulava no horizonte: pois as confidências da gente moça, ou pelo menos os termos em que se exprimem, são habitualmente plagiárias e viciadas de óbvias supressões. Isto de reservar o nosso juízo é uma das questões de infinitas esperanças. Ainda hoje me sinto um tanto receoso de que alguma coisa me escape, se me esqueço de que, como o meu pai sugeriu com snobismo, e eu com snobismo repito, o senso das decências fundamentais da vida é um dom desigualmente repartido à nascença...

E agora, que elogiei a minha própria tolerância, devo confessar que ela também tem limites. A conduta dos homens pode alicerçar-se em rocha dura ou em terreno movediço, mas de certo ponto em diante não me interessa no que ela se funda. Quando, no Outono passado, voltei do Leste, senti que o meu desejo era que o mundo ficasse para sempre moralmente de uniforme e, por assim dizer, em posição de «sentido»; não queria mais incursões clamorosas nem espiadelas privilegiadas ao que se passa nos corações. Só o Gatsby (cujo nome encabeça estas notas) ficou imune à minha reacção — o Gatsby, que personificava tudo o que para mim desperta um genuíno desdém. Se a personalidade é uma cadeia ininterrupta de gestos bem sucedidos, então havia nele alguma coisa de transcendente, uma espécie de supersensibilidade às promessas da vida, como se tivesse algum parentesco com um desses intrincados aparelhos que registam um sismo a quinze mil quilómetros de distância. Esta capacidade de reacção ou resposta nada tinha de comum com a chocha impressionabilidade que costumamos honrar com o nome de «temperamento criador»: era, antes, um dom extraordinário de confiar, uma romântica prontidão, tal como a nunca observei, nem creio poder voltar a observar em mais ninguém. Não — o Gatsby acabou por se mostrar homem de estatura: foi aquilo que o parasitou, a fétida poeira que pairou na esteira dos seus sonhos, que temporariamente arrefeceu o meu interesse nas abortivas penas e nas poucas duradoiras alegrias dos homens.

A minha gente é, de há três gerações, abastada e influente cá nesta cidade do Middle West: os Carraway têm alguma coisa de clã, e é tradição que descendemos dos duques de Buccleuch; mas o autêntico fundador da minha linhagem foi o irmão de meu avô, que para cá veio em 1851, mandou um substituto para a Guerra Civil e inaugurou o negócio de ferragens por grosso, que meu pai ainda hoje mantém.

Não cheguei a conhecer esse meu tio-avô, mas dizem que me pareço com ele, particularmente em vista do retrato, aliás revelador de um génio duro, que pende por cima da secretária de meu pai. Diplomei-me em Yale, em 1915, exactamente um quarto de século depois do meu pai, e passado tempo intervim naquela tardia migração teutónica, que se tornou conhecida pelo nome de Grande

Guerra. Gozei tanto com a minha participação no contra-ataque, que voltei aos Estados Unidos num estado de irrequietude. Em lugar do confortável centro do universo, que me fora, o Middle West parecia-me agora a orla esfarrapada do mesmo; de sorte que resolvi ir para o Leste, aprender o ofício de corretor de fundos. Toda a gente que eu conhecia estava metida nesse negócio, e afigurou-se-me que ele daria para sustentar mais um bico celibatário. Tios e tias discutiram o assunto como se se tratasse de escolher o internato onde eu devia fazer o curso do liceu, e acabaram por me dar um assentimento temperado de grave e prudente hesitação. O pai anuiu em me financiar pelo prazo de um ano e, após várias demoras, fui para Nova Iorque, julgava eu de vez, na Primavera de vinte e dois.

O mais prático teria sido alugar aposentos na cidade, mas a estação corria quente, e eu chegava de um país de vastos relvados e hospitaleiros arvoredos, de modo que, quando um colega de escritório sugeriu que alugássemos juntos uma residência numa terreola suburbana, a ideia pareceu-me óptima. Ele lá encontrou a casa, um bangaló que parecia feito de papelão amachucado pelo tempo, por oitenta dólares ao mês. Mas no último minuto, a firma transferiu-o para Washington, e eu vi-me obrigado a ir sozinho para o campo. Tinha um cão — tive-o pelo menos enquanto ele não me fugiu, dias depois —, um velho *Dodge* e uma finlandesa que me fazia a cama e preparava o pequeno-almoço, resmungando de si para si, por cima do fogaõ eléctrico, não sei que sabedorias numa língua arreesada.

Senti-me só nos primeiros dias, até que uma manhã um sujeito, chegado ali depois de mim, me abordou na estrada: — Como é que a gente vai para West Egg? — indagou ele, desamparado.

Indiquei-lhe o caminho, e andando, deixei de me sentir solitário: era um guia, um desbravador, um colono original! Sem o saber, ele tinha-me conferido foros de vizinhança.

E assim, como o sol e os renovos a brotar das árvores, como os vemos crescer nos filmes ao retardador, ganhei a convicção familiar de que a vida, para mim, recomeçava com o Estio.

Por um lado, tinha tanto que ler e, por outro, tanta saúde e alegria de viver aspiradas no ar rejuvenescente! Comprei uma dúzia de calhamaços sobre negócios bancários, papéis de crédito e investimentos e pu-los na estante, coloridos e doirados, como notas acaba-

das de sair da Casa da Moeda, prometendo revelar-me os cintilantes segredos só de Midas e Morgan e Mecenas conhecidos. Tinha a intenção de ler ainda muitos outros livros. No colégio, eu tinha sido bastante «literário» — um ano escrevi mesmo uma série de editoriais para o *Jornal* da Yale — e ia agora reintroduzir tudo isso na minha existência e tornar-me de novo o mais acanhado de todos os especialistas; o «homem-bem-informado». Isto não é um mero epigrama: no fim de contas, a vida é muito melhor olhada de uma só janela!

Foi uma questão de azar que eu tenha arrendado casa numa das comunidades mais estranhas dos Estados Unidos: situada nesta ilha delgada e tumultuosa que se estende para leste de Nova Iorque, e onde há, entre outras curiosidades naturais, duas raras formações geológicas. A uns trinta quilómetros da cidade, um par de ovos enormes, de idêntico contorno e separados apenas por uma baía protocolar, projectam-se pela mais domesticada das massas de água salgada do ocidental hemisfério, vasto quintal líquido que é a enseada de Long Island, o Sound. Não serão tão perfeitamente regulares como o ovo de Colombo, mas achatados (como ele) na base e a sua identidade de forma deve ser uma perpétua causa de espanto para as gaivotas que o sobrevoam. Para quem não tenha asas, é mais interessante ainda o facto de que, excepto quanto à forma e ao tamanho, os dois ovos são inteiramente dissemelhantes.

Eu morava em West Egg<sup>4</sup>, a..., digamos, a menos chique das duas povoações, embora isto seja um rótulo demasiado superficial para exprimir o bizarro (e não pouco sinistro) contraste entre elas. A minha casa estava situada exactamente no topo ou extremo do ovo, a uns escassos quarenta metros da baía e espremida entre duas enormes residências, cujo aluguer andava por doze a quinze mil dólares, só pela época. A casa da direita era um colosso, por qualquer padrão, e reprodução fiel de um *hôtel de ville* qualquer da Normandia, com uma torre de um lado, ofensivamente nova sob a barba ainda rala de hera crua, uma piscina de mármore e uns vinte hectares de relvados e jardins. Era a Mansão Gatsby, ou antes (visto eu não conhecer ainda o cavalheiro), a mansão onde morava um senhor com esse nome.

---

<sup>4</sup> *East Egg, West Egg*: Ovo-Este, Ovo-Oeste, literalmente. (NT)